

# ÁGUA - UM BIEM DE TODOS

## Comemorou-se, no passado dia 22 do corrente, o "Dia Mundial da Água"

### MEMÓRIA DOS CHAFARIZES, MINAS E FONTES NA AMADORA

#### MEMÓRIA DOS CHAFARIZES, MINAS E FONTE NA AMADORA

Celebrou-se, no passado dia 22, o Dia Mundial da Água. A Amadora foi sempre terra de muita água, poucas fontes naturais, alguns poços em quintas, mas as famílias de parcos recursos tinham de mendigar o precioso líquido junto dos senhores das propriedades, os quais eram amantes da boa água, daí a abertura de furos, construção de moinhos de vento, alguns deles ainda preservados, bons ares e sítios, estas algumas, senão as principais razões, do povoamento da localidade por gente com algum desafogo financeiro, numa terra sem serviços municipalizados e, por consequência, só com água canalizada já neste século. Para quem não tinha poço, existia distribuição precária, porta-a-porta, feita em carroças com bilhas de ferro zincado ou de barro, outras vezes em barris, vendida por aguadeiros, na sua maior parte galegos, como por exemplo a explorada na "Mina", que havia de dar nome à nossa maior freguesia, cujo proprietário foi António Cardoso Lopes, tendo as virtudes da água dessa nascente chegado bem longe com atributos de minero-medicinal, remontando a sua exploração a princípios deste século.

Nas casas ricas, sem poços, eram os criados que tratavam do respectivo abastecimento, outras compravam água, à quarta ou ao barril aos referidos aguadeiros, então chamados "açacais", que iam aos casais com burros carregados de água. Algumas mulheres, com potes e quartas à cabeça, apregoavam a "água fria", em especial nos dias das festas ao Mártir São Sebastião ou Senhora da Lapa, vendida a copo ou ao púcaro.

Os chafarizes e as fontes, para os mais desprotegidos, começaram a ser construídos praticamente no século XVIII, como a seguir se dá notícia, pois até ali existiam algumas nascentes, parte delas de chafarido.

#### CHAFARIZ DA DAMAIA

Num dos arcos do Aqueduto das Águas Livres, na velha estrada que vinha de Benfica para a Damaia, junto ao terceiro dos dezanove arcos ali existentes, do lado direito, foi construído o chafariz, conforme despacho de 1 de Março de 1826. Este chafariz não tinha qualquer arte arquitectónica, compunha-se de um roço pela cantaria abaixo do referido arco, e, em altura conveniente, meteram-lhe um taco de pedra e nela um tubo de ferro por onde corria a água para um tanque, bebedouro de gado, e a não aproveitada para uma propriedade, chamada "Quinta da D. Josefa", conforme pedido desta sancionado em 07 de Janeiro de 1831, pela Direcção das Águas.

#### CHAFARIZ DA FALAGUEIRA

Construído quando começaram as obras do Aqueduto das Águas Livres, altura em que apareceu num dos alicerces uma pequena nascente, como, aliás, ainda hoje é normal aparecer água no subsolo da Amadora. No entanto, esta nascente foi desprezada, por se situar em plano inferior ao encanamento, ficando a escorrer para a ribeira que passava muito perto.

Mais tarde, a pedido dos moradores, foi feito um novo estudo, tendo os técnicos, em vistoria de 15.09.1773, decidido que se fizesse uma bica, com um tanque, para serventia pública; todavia, esta decisão não contentou totalmente os referidos moradores, pois pretendiam levá-la ao centro da Falagueira, Estrada Real, hoje Elias Garcia, tendo os técnicos sustentado ser a água insuficiente para atingir esse objectivo, isto para além dos encargos daí resultantes, estimados em oito mil cruzados. Manteve-se, portanto, a decisão inicial de se construir uma bica, com um tanque, no local mais próximo da nascente, obra que importou em cem mil reis e

ficou concluída em 07.06.1774, com uma bica de pedra metida na parede do Aqueduto. Esta fonte foi reformada em 1846, e a água não aproveitada desaguava na ribeira da Falagueira.

#### CHAFARIZ DA PORCALHOTA

Passados cerca de cem anos, começou a verificar-se nestes sítios a falta de água, sobretudo no verão, motivo por que os moradores resolveram requerer a construção de um novo chafariz, pretensão que a Câmara Municipal de Lisboa, em despacho de 20 de Julho de 1849, atendeu em conformidade pelo que foi dado início ao encanamento, através da parte superior do Aqueduto das Águas Livres, na entrada da Azinhaga do Bosque, e à ilharga da quinta pertencente ao Sr. Comendador João Galvão Mexis de Sousa Moura Teles e Albuquerque, o qual veio a impugnar a construção alegando que a obra prejudicava a serventia para um pátio e cocheiras da sua quinta, oferecendo um terreno mais adiante para a instalação do chafariz. Os moradores não aceitaram esta alternativa, pois a vantagem para todos os residentes era no sítio anteriormente solicitado e sancionado pela Câmara, tanto assim que já tinham oferecido e transportado vários materiais para a construção e defendiam a feitura de um tanque para as lavadeiras com os sobejos do chafariz. Em 06 de Setembro de 1849, a Câmara deu razão aos moradores, tendo, em 19 desse mesmo mês, sido feito um embargo judicial proposto pelo referido comendador, na 5.ª Vara de Direito, tendo-se procedido a nova vistoria, solicitada pelo Tribunal, em 12 de Março de 1850. O julgamento foi feito em 26 de Junho, cuja sentença deu razão aos moradores, recomendo os respectivos trabalhos, tendo o chafariz ficado pronto e corrido a primeira água ao meio



Água, a melhor bebida do mundo, mas há quem prefira outras fermentadas e a fazerem "andar a cabeça à razão de furos".

(Continua na página 3)

# ÁGUA - UM BIEM DE TODOS

## Comemorou-se, no passado dia 22 do corrente, o "Dia Mundial da Água"

### MEMÓRIA DOS CHAFARIZES, MINAS E FONTES NA AMADORA

(Continuação da página 1)

dia e vinte e cinco minutos do dia 29 de Outubro de 1850, hora e dia da inauguração com muita gente, foguetes, a presença do Mestre Geral das Águas Livres, do Fiel do Partido destes sítios, do Fiel do Partido de D. Maria e outras entidades oficiais. Desde a tomada da água, até à quina da Ermida da Lapa, onde estava uma clarabóia, aproveitou-se para o encanamento um antigo desaguadoiro do Aqueduto das Galegas, e desde a referida quinta até ao sítio do chafariz fizeram-se outros encanamentos de chumbo. A água corria por duas telhas de ferro estanhado, com duas corras, oferecidas pelos moradores e feitas por um deles, de nome Capucho. Tinha um bom tanque para o gado beber, com 13 palmos de comprimento, 10 de largo e 3,5 de alto. Na coluna tinha as armas da cidade de Lisboa e por baixo o dístico: C.M. 1850. Os sobejos da água corriam para o tanque das lavadeiras, depois de devidamente encanada, tanque esse que tinha vinte palmos de comprimento, 10 de largo e 2,4 de altura até ao plano inclinado, e com divisões para roupas limpas. Custou a obra em 452\$475 Réis. O tanque ficava a 240 palmos do chafariz. O Chafariz, vítima do progresso, foi mais tarde removido para a Praceta da Quinta da Conceição, quase em frente da Igreja e da Junta da Falagueira, encontra-se desactivado e em relativo estado de conservação.

#### CHAFARIZ DA BURACA

Embora presentemente pertença ao território de Lisboa, este chafariz serviu durante muitos anos a população da Buraca. Foi mandado fazer por ordem da Junta das Águas Livres, de 23.12.1771, e por despacho da Direcção de 10.05.1834 a água não aproveitada foi autorizada a correr para a Quinta de João António Lopes Pastor, casado com Jerónima De Devile, grande comerciante de Lisboa, com uma vivenda de fino recorte, ainda hoje existente e pertencente ao Patriarcado de Lisboa, servindo de Retiro e com o nome de "Quinta do Bom Pastor". Por esta vivenda passou o nosso escritor Almeida Garrett, de seu nome completo João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, nascido no Porto em 04 de Setembro de 1799, que chegou a estar casado com Adelaide Pastor, filha do referido comerciante.

Este chafariz tinha próximo um belo tanque com 20 palmos de comprimento, 10 de largura e 34 de alto. No chafariz foram colocadas as armas de D. José, com um tubo por aonde corria a água, e foi seu autor Reynaldo Manuel dos Santos.

É um chafariz de arquitectura modesta. Tem uma bacia rectangular e um pequeno espaldar a rematar curvo.

Também na Buraca, junto à antiga Quinta do Outeiro ou de Nossa Senhora dos Prazeres, existe ainda hoje uma fonte de chafurdo, mais parecendo um forno em alvenaria, remontando, como parece, ao século XVIII, não obstante a Quinta já existir no século XVI. A fonte, derivada de uma nascente ali existente, foi construída pelo povo e de grande utilidade durante muitos anos, não só para serventia caseira como para rega.

Presentemente encontra-se inquinada, motivo por que está vedada com uma porta de ferro, como medida cautelar.

#### CHAFARIZ DE BENFICA

Benfica foi a sede de freguesia da Amadora durante muitos anos. Daí a alusão a este chafariz, pois serviu também as gentes da Venda Nova. Foi feito por ordem da Junta das Águas Livres de 17.07.1778.

Por resolução de 29.12.1779, e alvará de 19.07.1786, foram concedidos os sobejos para a Quinta do Desembargador, Manuel Inácio de Moura. A água corria por dois tubos e a obra é atribuída aos arquitectos Reynaldo Manuel dos Santos e Francisco António Ferreira Cangalho.

É um chafariz bastante sóbrio, conquanto já desactivado, tendo as armas reais por baixo do remate em ângulo aberto e o espaldar alarga-se numa suave curvatura.

Os elementos decorativos são uma moldura a ocupar todo o corpo central e as duas pilastras levemente salientes. Tem uma certa monumentalidade este chafariz.

#### CHAFARIZ DE CARENQUE

Foi feito em 1836 e tinha somente um tacho de pedra metido na cantaria do Aqueduto Geral com um tubo de ferro. Com cinco pias unidas para beber o gado que faziam 20 palmos de comprimento, tendo em largura, a primeira, 21 polegadas e as outras, respectivamente, 4 e 15,4. Os sobejos corriam para o rio.

Situa-se na Rua do Olival, já que, junto à estrada de Carenque, existe outro, mandado construir pela Câmara Municipal de Sintra em 1932.

Aqui existiram duas nascentes, que o povo chamava da Gargatada e do Pocinho, cuja água vinha a ser encanada para o Aqueduto também chamado da Gargantada ou de Carenque, que abastecia o Palácio de Queluz.

#### CHAFARIZ DE A-DA-BEJA

A-da-Beja é um lugar pertencente à Amadora desde 1979, antes estava integrado no concelho de Sintra. No Largo Visconde de Asseca existe um chafariz, construído em 1865, com os seguintes dizeres: "A

EXPENSAS DE J.C. MARDEL F CMC 1865 - DADA AGUA POR AM. DE LEIROS".

Não nos foi possível descodificar esta lápida, mas o chafariz ainda hoje está activo e com água potável. Tem um só tubo de ferro e um pequeno tanque em pedra. Os sobejos saem deste tanque para o coletor geral.

Possui ainda outro chafariz público, construído em 1965.

Foram de grande utilidade para a população durante muitos anos, em especial o mais antigo (1865) pois A-da-Beja só há poucos anos beneficiou de água encanada ao domicílio.

#### FORTE SANTA

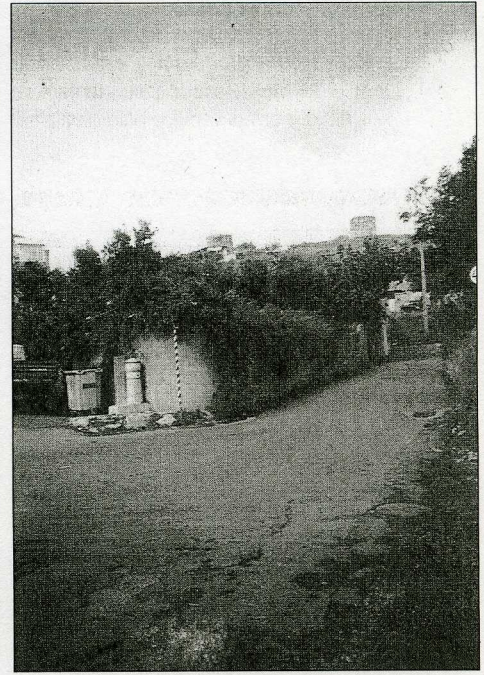
Fonte Santa é o designativo de um antigo casal ou Quinta, traduzida por um culto pagão que os cristãos santificaram pelas virtudes das suas águas. É muito antiga esta fonte, talvez até a mais antiga do ora nosso concelho, pois até 1979 pertenceu ao de Sintra (a fonte está desactivada).

A fama da fonte Santa, na actual A-da-Beja, corria os povoados. Eram águas sulfatadas e ferruginosas. Foram utilizadas como agente de cura, quer como bebida, quer na parte religiosa como abluições. Os antigos acreditavam nestas águas como virtuosas, pelo menos as da Fonte Santa, que havia de dar o nome ao sítio (Fonte Santa).

Em 1975, os moradores de A-da-Beja criaram uma "Comissão da Água", a qual com o apoio da CMA, da Junta de Freguesia da Mina e dos Serviços Municipalizados de Sintra, através de um furo no Casal da Fonte Santa levaram a água, através de uma bomba e tubagem ao centro de A-da-Beja.

#### FORTE DAS AVENCAS

Outro borbotante caudal, localizado fora do casario de A-da-Beja, também anexado ao nosso concelho, desde 1979, antes pertencia ao de Sintra. O nome da Fonte das Avencas encontra-se nos manuais hidrologicos, como sendo água francamente mineralizada e aconselhada como água de mesa.



Um recanto bem pitoresco: em baixo o Chafariz; em cima os moinhos. O enquadramento verde faz o resto. O sinal de trânsito é já uma descoberta dos nossos dias. Estamos na Estrada da Falagueira, numa zona de referência a merecer protecção.

Fonte antiquíssima já conhecida dos povos pré-cristãos.

Situa-se no sopé da Serra da Mira e chegou a ser comercializada. Presentemente encontra-se desactivada.

Admite-se que seja esta a fonte descrita pelo escritor mouro Ahmede Arrazi, no século XI. "...Na região de Lisboa a Sintra, encontra-se uma montanha, utilizada outrora como reducto fortificado, com pedras judaicas, que têm exactamente a forma de glandes.

(Continua na página 8)

# ÁGUA - UM BIEM DE TODOS

## Comemorou-se, no passado dia 22 do corrente, o "Dia Mundial da Água"

### MEMÓRIA DOS CHAFARIZES, MINAS E FONTES NA AMADORA

(Continuação da página 3)

Estas pedras têm exactamente, entre outras propriedades, a de dissolver os cálculos da vesícula e do rim. Fazem-na também na composição de colírios...

#### ÁGUA DA MINA OU MINA DE ÁGUA

Esta fonte, como já ficou dito, acabou por dar o nome à freguesia da Mina. Os trabalhos de pesquisa e construção foram feitos sob a responsabilidade de António Cardoso Lopes - o Lopes da Mina - seu proprietário, que obteve a concessão em 16.11.1913, conquanto já existisse em 1910. Mereceu honras de Presidente da República a sua inauguração, a cujo acto esteve presente o Dr. Manuel de Arriaga. Não obstante ter sido classificada, em 1937, como água de qualidade, a verdade é que nas últimas décadas esteve praticamente abandonada, tendo, em 1980, sido aproveitada para abastecer o logó do Parque Central. Não obstante desactivada como fonte pública, ainda hoje pode ser vista no Jardim da Mina, na Av.ª General Humberto Delgado. A abertura da mina encontra-se tapada.

#### Fonte do Bairro da Cruz

Ou fonte do Bairro das Cruzes, vindo da Venda Nova a caminho da Falagueira, pela Elias Garcia, encontra-se uma cruz, logo a seguir à Quinta de S. Miguel ou Tivoli, do lado esquerdo. Esta cruz estava do lado direito, tendo, por motivo da rede viária, sido deslocada para o local onde hoje está.

Muito perto, existiu um poço que o povo designava por "Fonte". Era tapado na parte superior e tinha à entrada uma pedra robusta e uma abertura por cima dessa pedra, através da qual se tirava a água que servia a população desse bairro da Cruz e também da Venda Nova. Esta "fonte" remontava ao século XVIII.

#### Fonte da Carranca

Situava-se na encosta de um pequeno monte, perto da Av.ª Miguel Bombarda, pertença da Malaposta ou "Palácio", na Elias Garcia. Nesse monte existiam algu-

mas minas de água, que corria por uma conduta em forma de abóboda, seguida por bancos de alvenaria, com belos painéis de azulejos. O piso, que acompanhava a água, era em ladrilho e a esse espaço chamava o povo "Carranca", por ter em frente ao portal uma carranca de granito, de escultura humana, saindo-lhe da boca água vinda de uma das minas, caindo para uma pia em pedra, mais parecida com uma taça. Os sobejos corriam para um tanque, de boa dimensão, talvez a uns sessenta metros de distância, sendo aproveitada para bebedouro e rega.

Esta água era muito apreciada pela sua limpidez e frescura, daí vir gente das redondezas buscá-la.

De uma outra mina, cujo encanamento passava sob a linha férrea, do lado da Elias Garcia e já muito perto do "Alto Maduro", vinha a água para o mesmo tanque.

As minas eram muito antigas e a fonte remontava ao século XVIII, como parece.

#### Fonte dos Lagartos ou da Freira

Localizava-se na Falagueira. Fonte muito antiga, talvez a primeira a abastecer de água os moradores deste lugar. Ocupava a toda a largura o caminho, de parede a parede. A nascente situava-se a alguns metros, correndo por uma caleira de telhas. A entrada da mina dava passagem a um homem. A água saía por uma fonte de pedra, em formato de pia para melhor segurar a água. Os sobejos vinham para um tanque, também em pedra, sendo a água de boa qualidade e nunca secava, embora no verão corresse com caudal reduzido.

#### Bica Velha da Roiçada

Este lugar, por existirem dois com o mesmo nome em sítios distintos, situava-se a seguir à Porcalhota, junto ao caminho da Roiçada, a uns cem metros do Aqueduto das Águas Livres. No verão vinha muita gente buscar água ali, cuja procura perdurou até há alguns anos, em especial quando o líquido desaparecia das canalizações, o que era muito frequente na década de setenta.

Esta era a bica, (já referida antes aquando tratamos do chafariz da Falagueira), cuja nascente se situava

num plano inferior aos alicerces do Aqueduto.

Remontava ao século XVIII, antes da construção do Aqueduto das Águas Livres. Mais acima havia outra nascente, com mais água, que as lavadeiras aproveitavam para fazer uma represa, a que chamavam "Rio de Verão" e, mais tarde, por chalaça, a "Praia da Amadora".

Uma outra, a dos "Passarinhos", nascia no actual Parque das Águas Livres, perto da Av.ª General Humberto Delgado e Rua Guerra Junqueiro, a caminho de S. Brás.

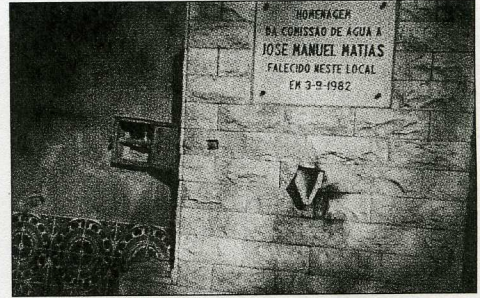
#### Fontes de S. Brás

Este Casal de S. Brás era muito fértil em fontes, tanto assim que chegaram a ser projectadas para abastecer o Aqueduto, antes deste ser construído, tendo passado por ali muitos técnicos e figuras reais, de entre elas o rei D. Sebastião e Filipe I, com vista a levarem a água a Lisboa, assunto só resolvido por D. João V, o qual também esteve pessoalmente por várias vezes nas fontes de S. Brás.

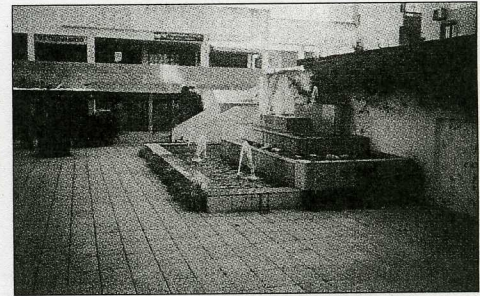
#### Fonte dos Passarinhos

Uma das fontes mais antigas, situa-se muito perto da ribeira da Falagueira, no jardim das Águas Livres.

Um outra, a respeito da qual já não existem vestígios, muito perto do Rossio da Venteira, já na descente para o Bairro Janeiro, a caminho da Praceta de Goa, abastecia a população destes sítios. Era servida por um caminho bastante declivoso, hoje chamado "Caminho da Fonte".



A água foi sempre o bem mais importante para as populações, como revela esta inscrição em território amadorense.



Fonte em Alfragide.

Dentro do território actual da Amadora existiram outras fontes, algumas delas situadas fora do aglomerado urbano, cujo transporte era feito em animais ajazezados com albardas, em cântaros de folha. As pessoas mais humildes transportavam-na à cabeça, em bilhas de barro.

*Alves Silva*